

**ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA GRECO-ROMANA  
NAS ESCRITURAS *LUCANAS*<sup>1</sup>  
- PARTE I -**

Prof. Dr<sup>a</sup> Luciene de Lima Oliveira (UERJ)

**RESUMO**

Acredita-se que o Evangelho de Lucas, o terceiro livro do Novo Testamento e os Atos dos Apóstolos, o quinto livro do Novo Testamento, tenham sido escritos por Lucas. Esse é considerado o único escritor não judeu do Novo Testamento; não se sabe, com certeza, onde e quando se converteu ao Cristianismo. Ambas as escrituras *lucanas* foram redigidas em grego *koiné*, provavelmente, entre os anos 60 e 63 d.C. O presente artigo foi dividido em duas partes, sendo que esta primeira parte abordará os aspectos gerais, principalmente, do livro dos Atos, citem-se, por exemplo: a autoria, a data, a dedicatória, particularidades linguísticas da escritura *lucana*, o conteúdo, o material narrativo e discursivo, as finalidades hipotéticas dos Atos etc.

**Palavras-Chave:** Atos dos Apóstolos; Lucas; Grego *Koiné*.

**ASPECTS OF GRECO-ROMAN HISTORIOGRAPHY  
IN LUKAN SCRIPTURE  
- PART I -**

**ABSTRACT**

It is believed that the Gospel of Luke, the third book of the New Testament, and the Acts of the Apostles, the fifth book of the New Testament, have been written by Luke. This is considered the only non-Jew New Testament writer; where and when he converted to Christianity is unknown. Both Lukan scriptures were written in Koine Greek, probably between the years of 60 and 63 b.C. The featured article was divided in two parts, the first part, main focus of this piece, approaches general aspects mainly of the Book of Acts, such as the authorship, date, inscription, linguistic particularities of Luke's scripture, content, narrative and discursive material, hypothetical purposes of the Acts etc.

**Keywords:** Acts of the apostles; Luke; Koine Greek.

Fabris oferece a seguinte informação sobre Lucas: “homem culto, familiarizado com os textos clássicos e helenísticos e com um bom conhecimento da Bíblia grega conforme a tradução dos Setenta; talvez seja um cristão de Antioquia e médico (Cl 4. 14)” (FABRIS, 1996, p. 33).

Estudiosos destacam que o autor se utilizou de terminologias médicas em seus escritos e, em sua narrativa, apresentava interesse pelas doenças (Lc 4. 38; 8. 43-44; At 3. 7; 12. 23; 13. 11; 20. 7-11; 28. 3, 8). Então, os pesquisadores concluíram que o seu autor fosse médico. Mas Fabris não concorda com a assertiva de que o livro dos Atos e o Evangelho possuem uma terminologia médico-clínica. Fabris alega que Lucas não apresenta uma linguagem médica mais especializada do que a de certos autores gregos, que não eram médicos como, por exemplo, Luciano de Samosata e Fílon de Alexandria (FABRIS, 1996, p. 17).

Nos escritos dos Pais da Igreja, tem-se, igualmente, informações a respeito da autoria *lucana* dos Atos e alguns dados biográficos sobre Lucas:, citem-se, por exemplo, os registros de Eusébio de Cesareia:

Ora, Lucas, sendo originário de Antioquia, era médico; por muito tempo, foi companheiro de Paulo; e associado aos demais apóstolos, mas não de modo superficial. Deixou-nos, em legado, os

---

<sup>1</sup> Ressalte-se que o presente artigo constitui uma adaptação do subcapítulo 5.2 intitulado “A Narratologia nos Atos dos Apóstolos”, da tese de doutorado intitulada “Os Discursos Epidícticos de Paulo de Tarso no Livro dos Atos dos Apóstolos (Tradução e Comentários), sob a orientação do Professor Doutor Auto Lyra Teixeira (Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ).

preceitos das almas diligentes em dois livros inspirados por Deus, através do qual adquiriu deles, como o *Evangelho*, que testifica ter sido registrado, conforme lhe transmitiram aqueles que foram testemunhas oculares, desde o início, e ministros da palavra, os quais também afirma, ainda, desde o início, seguir, atentamente, todas as coisas. E os *Atos dos Apóstolos*, os quais, de maneira nenhuma, dispôs do que ouviu, mas do que viu (EUSEBIUS OF CAESAREA. The Ecclesiastical History 3.4.6).

É bom lembrar que Lucas também é considerado o autor do terceiro Evangelho que leva o seu nome; ambos, provavelmente, foram escritos por ele em Roma, na época da primeira prisão de Paulo.

Sublinhe-se que os dois livros – Lucas e Atos - formavam dois tomos de uma mesma obra, como corrobora o prólogo dos Atos, onde se percebe que a narrativa não se inicia aqui: “Fiz o primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas, as quais Jesus começou a fazer e também a ensinar” (At 1. 1).

Ora, este “primeiro relato” (vers. 1 dos Atos), a que o médico faz referência, não pode ser outro senão o terceiro Evangelho, sendo o livro dos Atos, o segundo volume, uma espécie de continuação do Evangelho de Lucas, o primeiro volume, que é considerado um outro documento anterior.

Acredita-se que essa divisão se deu por volta de 150 d.C., devido à formação do cânon neotestamentário. Provavelmente, o evangelista não tenha atribuído um título a esse segundo livro. Somente, quando o Evangelho de Lucas foi separado dessa segunda parte do livro e posto junto aos três demais Evangelhos (Mateus, Marcos e João), é que houve a necessidade de intitular o segundo volume (CARSON, 1997, p. 203). Já o segundo escrito – os Atos - foi posto antes das epístolas paulinas.

É bem provável que Lucas almejasse que os seus dois escritos fossem lidos e considerados como uma única composição (cf. At 1. 1). Na verdade, o conteúdo dos Atos se inicia onde o Evangelho de Lucas finaliza, isto é, com o período pós-ressurreição e ascensão de Cristo.

Marguerat pontua que esta narrativa de cinquenta e dois capítulos – adicionando o Evangelho e os Atos - representa a quarta parte de todo o Novo Testamento. O escrito *lucano* é conhecido pelo nome de “Lucas-Atos”, para que houvesse uma lembrança de que o texto dos Atos não deve ser lido sem a recordação do Evangelho (MARGUERAT, 2003, p. 13).

Koester oferece a seguinte assertiva a respeito da linguagem lucana: “Nos Atos dos Apóstolos, pela composição dos discursos, pela escolha da linguagem e pelo estilo gramatical, Lucas demonstra que está atento ao nível de educação do falante (por exemplo, o uso do optativo, um modo que havia desaparecido no vernáculo)” (KOESTER, 2005, p. 119).

Diz-se que Lucas é, dentre todos os evangelistas, aquele que dominava melhor o grego, pois seu vocabulário é mais rico, conforme atesta a introdução dos Atos na Bíblia de Estudo de Genebra: O autor era, provavelmente, um gentio com educação formal, como demonstra o estilo e o alto nível do grego utilizado tanto no Evangelho quanto no livro dos Atos. Em algumas ocasiões, a linguagem grega empregada chega a ser completamente clássica (Lc 1. 1-4). A abordagem metódica do autor à escrita e o interesse pela pesquisa revelam os traços de uma pessoa educada e de treinamento superior (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA, 1999, pp. 1269).

Pesquisadores, tendo por referência a terminologia dos Atos, confirmam não só a variedade como também um vocabulário rico, quando comparado aos outros escritos *neotestamentários*.

Fabris destaca que o livro dos Atos possui em torno de quinhentos termos que lhes são peculiares, não ocorrendo esse fato nos demais escritos *neotestamentários*. Em relação ao ambiente linguístico dos Atos: 90% dos vocábulos são atestados na LXX, e mais: 85% do vocabulário correspondem ao de Plutarco; 65%, ao grego dos papiros.

Ora, o autor dos Atos emprega a língua grega em uso no seu ambiente tanto popular como também literário, sendo influenciado, mais acentuadamente, pela versão grega dos Setenta. Assim é que “o confronto com a língua e o estilo do ambiente circunstante permite definir as propriedades e

sensibilidades linguísticas da obra em questão”. Os pesquisadores atestam que nos Atos, há um amálgama entre formas clássicas e correntes na língua popular (FABRIS, 1996, p. 17).

Tanto o Evangelho de Lucas quanto os Atos dos Apóstolos foram dedicados a um certo Teófilo:

Teófilo, um gentio que havia recebido instrução cristã (Lc 1. 4), parece ter sido uma pessoa que dava suporte e proteção, uma espécie de benfeitor de Lucas, aquele que dava suporte a Lucas; Teófilo teria providenciado o sustento necessário à pesquisa e escrita dos dois livros. Como comparação, sabemos que o historiador Josefo teve como patrocinadores os generais Vespasiano e Tito, além de outros benfeitores, como, por exemplo, um certo Epafrodito, a quem dedicou o seu livro *Contra Ápio* (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999, p. 1269).

Convém destacar que não se sabe muito bem se “Teófilo” era uma pessoa particular ou se o nome “Teófilo” é usado de modo figurativo, tendo por destinatários todos “aqueles que eram amados por Deus ou amigos de Deus”, conforme a etimologia da palavra.

Ora, a dedicatória a Teófilo (Lc 1. 1-4) faz lembrar a ligação existente entre o narrador e seus leitores. Marguerat chama a atenção para o fato de a narratologia mencionar um “pacto / comunidade de leitura”; naqueles excertos iniciais de um texto em que o autor estabelece, logo no início, o modo como o relato deve ser lido como também o quadro “dentro do qual sua obra deve ser entendida” (MARGUERAT, 2003, p. 33).

O estabelecimento de tal comunidade de leitura, sem equivalente na historiografia greco-romana, revela mais uma vez a extrema originalidade de Lucas, capaz de haurir ora da tradição historiográfica grega, ora da tradição bíblica. Esse ecletismo surpreende o leitor desde o começo da obra: depois de uma dedicatória (Lc 1. 1-4) no mais puro estilo helenístico, Lucas passa sem transição para um texto em que abundam os *septuagintismos* (ε\*gevneto e\*n tai~ç h&mevraiç; Lc 1. 4 a). Essa aproximação não é apenas cultural; teremos de aprofundar (mais adiante) essa proximidade que Lucas compõe entre a cultura grega e a antiga cultura judaica, entre Roma e Jerusalém. Lucas situa-se, exatamente, na confluência das correntes historiográficas judaica e grega (MARGUERAT, 2003, pp. 34-35).

Segue, subscrito, o próêmio do Evangelho lucano:

[1] Posto que muitos colocaram as mãos para dispor uma exposição a respeito dos acontecimentos cumpridos entre nós; [2] como as testemunhas oculares e os servos da palavra nos transmitiram desde o princípio, [3] pareceu-me também, depois de averiguar desde o início todas as coisas de modo seguro, escrever-te consecutivamente (= em ordem), [4] para que conheças a segurança a respeito das palavras, as quais foste ensinado. (Lc 1. 1-4)

É atestado, no próêmio, o emprego de um duplo pronome pessoal: “Posto que muitos colocaram as mãos para dispor uma exposição a respeito dos acontecimentos cumpridos entre nós” (ε\*n h&mi~n), como as testemunhas oculares e os servos da palavra nos (h&mi~n) transmitiram desde o início” (v. 1-2).

Assim é que a dedicatória, que inclui este duplo pronome pessoal, diz respeito aos leitores, como uma “comunidade / pacto de leitura”, à qual o narrador também faz parte (MARGUERAT, 2003, p. 33).

O livro dos Atos, igualmente, se abre com uma dedicatória ou pequeno próêmio (At 1. 1-2), “quer apresentar-se ao público de leitores com a dignidade de uma obra literária” (FABRIS, 1996, p. 18).

[1] Fiz o primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas, as quais Jesus começou a fazer e também a ensinar. [2] Até o dia em que, após ter dado instrução aos apóstolos por meio do Espírito Santo, os quais escolheu, foi elevado; [3] os quais também, após ele padecer, se apresentou vivo

com muitas provas; aparecendo a eles por quarenta dias e falando as coisas a respeito do reino de Deus. [4] E fazendo refeição com os apóstolos, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual “de mim ouviste”. [5] Pois João batizou com água, mas sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias. (At 1. 1-5)

A utilidade da dedicatória é abrir um espaço para a leitura; a narrativa, que segue do Evangelho e dos Atos, encontra o seu lugar dentro de um relacionamento feito de uma fé compartilhada através de fatos que foram realizados entre eles (Lc 1.1) e dos fatos compartilhados pela tradição (Lc 1. 2) (MARGUERAT, 2003, p. 33).

Apesar do díptico Lucas-Atos ter sido endereçado a um só destinatário, presume-se que, com o tempo, era, depois, copiado por outras congregações, para alcançar uma ampla divulgação. Citem-se, a observação de Cavallo & Chartier quanto ao papel da “escrita” e do “livro”:

O importante é insistir no fato de que, na época helenística, mesmo que permaneçam formas de transmissão oral, o livro passa a desempenhar daí em diante um papel fundamental. Toda a literatura de época depende agora da escrita e do livro: a esses instrumentos são confiados a composição, a circulação e a conservação das obras. (...) A filologia alexandrina, em suma, impõe o conceito de que uma obra só existe se for escrita; obra é um texto escrito e de que podemos nos apropriar graças ao livro que a conserva (CAVALLO, CHARTIER, 2002 a, pp. 13-14). A época imperial marca uma nova etapa nas práticas de leitura, devida, antes de tudo, ao progresso da alfabetização. O mundo doravante greco-romano – mesmo com diferenças entre as épocas, entre centro e províncias, entre uma região e outra e, dentro de uma mesma região, entre a cidade e o campo e entre uma cidade e outra – torna-se um mundo de vasta circulação de cultura escrita (ibidem, p. 17).

Fabris sublinha que, de qualquer forma, a língua e o estilo dos Atos colocam o leitor em contato com as preferências culturais do autor e com os vários ambientes espirituais:

O escrito se dirige, diretamente, aos destinatários cristãos cultos, que já conhecem o significado de alguns termos e expressões especializadas referentes à sua experiência religiosa; fala a leitores que estão familiarizados com os textos bíblicos traduzidos em grego; mas não exclui um público mais vasto dos “não-iniciados”, que olham, com simpatia ou admiração, o novo movimento religioso (FABRIS, 1996, p. 18).

Quanto à data da composição dos Atos, há controvérsias. Se for levada em conta a posição tradicional de que o autor do terceiro Evangelho é o mesmo dos Atos, pode-se inferir que a data da composição dos Atos seja em torno dos anos 80, isto é, após a composição do Evangelho (At 1. 1). Entrementes, foi deduzida, por alguns autores, uma datação anterior, em torno dos anos 60-63 d.C., por causa do final abrupto dos Atos (FABRIS, 1996, p. 33).

Na verdade, Lucas não relata determinados fatos históricos relevantes, tais como a perseguição de Nero contra os cristãos (64-68 d.C.) e a destruição de Jerusalém (70 d.C.). O médico também não menciona nenhum *escrito paulino* em Atos, o que sugere que tenha sido escrito antes da divulgação das epístolas paulinas; Lucas, igualmente, não redige sobre o processo, o julgamento ou a morte de Paulo (entre 66 e 68 d.C.), o que supõe que o apóstolo ainda se encontrava vivo, quando Lucas coletava o seu material para a redação do documento.

O livro dos Atos possui um estilo narrativo com início e fim definidos, mesmo que Lucas tenha finalizado a sua escritura de modo abrupto, escrevendo a respeito de Paulo, que estava preso há dois anos em Roma (At 28. 30-31). Mckenzie acredita que, quando a nova mensagem chega a Roma, tida como o centro do mundo, talvez Lucas considerasse a sua história já completa (MCKENZIE, 1983, p. 93).

Dignas de nota são as observações de Eusébio a respeito do tempo da redação dos Atos e a mudança de atitude de Nero em relação aos apóstolos:

[6] Por conseguinte, agora, Paulo, quando escreveu a segunda epístola a Timóteo, mostrou que somente Lucas estava com ele, mas, em sua primeira defesa, nem mesmo Lucas. Pelo que, provavelmente, (Lucas) escreveu os Atos dos Apóstolos por aquele tempo, conduzindo a sua história até quando Paulo esteve com ele. [7] Estas coisas foram ditas, sustentando para nós que o martírio de Paulo não foi realizado durante sua permanência em Roma, (quando) Lucas construiu sua história. [8] Parece que, seguramente, Nero estando disposto a ser mais favorável no início, a defesa de Paulo teria sido recebida mais facilmente no que diz respeito à sentença, mas, quando avançou para resoluções iníquas, os apóstolos juntamente com outros foram atacados (EUSEBIUS OF CAESAREA. The Ecclesiastical History 2.22.6-8).

Rowe destaca que o segundo volume de Lucas – os Atos – visa, nada menos, que a construção de um modo de vida que vai contra os padrões de vida do mundo greco-romano. Deste modo, seu trabalho literário é, nos termos de Frances Young e de outros, uma narrativa de formação cultural (ROWE, 2009, p. 04).

Entretantes, há quem defenda que, ao ter em mãos os escritos lucanos, que o evangelista narra uma história daqueles feitos que foram memoráveis, principalmente os feitos “pedrinos” e “paulinos”.

Digna de nota é a observação de Fabris:

No modelo dos livros que, no ambiente grego, narravam as gestas de personagens famosos ou venerados, como Alexandre Magno, Aníbal, Apolônio de Tiana etc., chamados exatamente “Atos ou Gestas – em grego *práxeis* - de Alexandre, de Aníbal” etc., também o livro cristão que descrevia as aventuras dos protagonistas da primeira expansão cristã foi chamado de “Atos dos Apóstolos”. No ambiente cristão do século II em diante, vão se difundindo as coleções de episódios edificantes, centradas em personagens ou grupos de homens venerados, denominadas “Atos dos mártires ... Atos de Pedro, de Paulo”. Este livro, na leitura e meditação dos cristãos e das Igrejas, excetuando-se alguns grupos heréticos dissidentes, teve desde o início a importância dos Evangelhos. Destas páginas, durante séculos, foram tiradas as informações sobre as origens da Igreja e os exemplos para animar a fé e a perseverança dos cristãos. As peripécias de Pedro e de Paulo, integradas a elementos extraídos dos Atos apócrifos, fornecem tema para a arte cristã por diversos séculos (FABRIS, 1996, p. 14).

Entretantes, convém destacar que o conteúdo dos Atos não corresponde, com precisão, a seu título, uma vez que não aborda todas as ações dos apóstolos, mas, somente, de Pedro (capítulos 1-12) e de Paulo (capítulos 13-28). Por outro lado, não são os “atos”, propriamente ditos, destes apóstolos que se encontram neste livro, mas antes a história da difusão do Evangelho, de Jerusalém até Roma, enfocando o início do movimento cristão (At 1. 4, 8; 8. 29, 39; 10. 19; 16. 6; 13. 2; 15. 28; 11. 28; 20. 23; 21. 4, 11).

Ora, podem-se extrair, pelo menos, algumas finalidades dos Atos: 1) o autor do livro teria a pretensão de fazer uma reconstrução detalhada da história da Igreja e da missão cristã; 2) este escrito tardio do século II teria o compromisso de fazer uma oposição entre o judeu-cristianismo “petrino” e o antilegalismo “paulino”; 3) o livro seria nada mais nada menos do que uma tentativa de fazer com que a nova religião obtivesse crédito diante das autoridades romanas, a fim de obter os privilégios de *religio licita*, “religião legítima / lícita”, nos mesmos moldes do judaísmo. Assim é que Lucas, ao fazer uma apologia do Cristianismo, demonstra que a “nova doutrina” não apresentava uma ameaça ao poderio romano; 4) apresentar a defesa de Paulo, que estaria sendo julgado em Roma, por isso é que Paulo teria um papel de destaque no livro. Esse, então, funcionaria como um discurso em favor de Paulo, em seu processo diante das autoridades romanas, ou, ainda, contra os ataques judaicos (FABRIS, 1996, p. 24). A propósito, a conversão paulina é narrada três vezes (At 9. 1-19; 22. 6-16; 26. 12-18).

Haja vista a essas considerações, costuma-se dizer que o livro dos Atos possui um caráter apologético, teológico e histórico.

Além dessas finalidades hipotéticas, há, ainda, aquela que se pode extrair do próêmio do primeiro volume da obra *lucana* (Lc 1. 1-4). Entrementes, pode-se fazer uma analogia entre essas palavras do próêmio do Evangelho com a do próêmio do segundo volume (At 1. 1-2). Assim, infere-se que Atos possui a mesma finalidade exposta no próêmio do Evangelho: oferecer, por meio de uma narrativa ordenada, a segurança e a veracidade da mensagem cristã.

Fabris atesta que, entre o material narrativo dos Atos, constata-se os seguintes gêneros: a) *os relatos de milagre* - incluindo os relatos de visões, cenas teofânicas – (At 7. 55-56; 5. 19-21; 12. 5-11; 9. 10-16; 10. 9-16; 16. 25-26; b) *os relatos de viagens* (At 17. 10; 13. 13-14; 14. 24-26; 28. 11-14; c) *os relatos de missão* (At 13. 1-3; 15. 22-29); d) a *descrição* de episódios, relativamente, dramáticos, como o naufrágio do apóstolo Paulo, os tumultos ou aglomerações nas praças e as cenas dos processos contra Paulo (At 14. 11-14; 16. 19-23; 19. 23-41; 23. 26-35; 25. 1-12; 27. 27-44; 28. 16; e) os *sumários*, espécie de pausas, relativamente amplas, que ajudam a tomar o controle da situação, após alguns fatos decisivos, e preparam os leitores para os desenvolvimentos posteriores da ação. Citem-se, por exemplo: 1) três sumários maiores que dizem respeito à vida e à organização da primeira comunidade em Jerusalém, nos quais se têm algumas informações tradicionais sobre a primavera da comunidade religiosa (At 2. 42-47; 4. 32-35; 5. 12-16); 2) vários sumários menores a respeito do desenvolvimento da comunidade cristã e do progresso da nova crença em vários lugares (At 2. 41-47; 4. 4, 31; 5. 14, 42; 6. 7; 11. 21-24; 12. 24; 13. 48-49; 19. 20); a perseverança e o regozijo de quem se converte (At 2. 46; 8. 4, 8, 39; 13. 48-52; 14. 6-7; 15. 35; 16. 34; 18. 11; 28. 30-31); e a edificação da congregação religiosa (At 9. 31; 16. 5) (FABRIS, 1991, p. 20).

Essas sínteses rápidas, funcionam como se fossem “pequenos flashes”; são indícios que sugerem ao leitor a conclusão de um bloco narrativo maior ou indicam o início de uma nova seção, dando “coesão e unidade literária ao tecido narrativo” (FABRIS, 1996, p. 21).

Ressalte-se que a narrativa dos Atos, em sua grande maioria, se constitui por *anacronias narrativas*, mais precisamente *analepses*, uma vez que o narrador se volta ao passado, como, por exemplo, para relatar os fatos correlacionados aos primórdios do movimento cristão.

Não obstante, podem-se depreender pequenas *prolepses* como, por exemplo, o discurso narrativizado de Lucas, cujo profeta Ágabo “previu” grande fome por todo o mundo, profecia essa que, de acordo com o relato bíblico, se concretizou nos tempos de Cláudio (At 11. 28).

Não obstante, há outra “narrativa profética” (At 21. 10-11), onde o mesmo profeta “previu” o sofrimento de Paulo em Jerusalém. É bom lembrar que o livro dos Atos se inicia por uma *prolepse* representada pela promessa de Jesus Nazareno aos onze discípulos (At 1. 8).

Em relação ao material discursivo dos Atos, citem-se, por exemplo: a) os *discursos*; b) as orações; c) as cartas ou os documentos.

Os *discursos*, que fazem contraponto à narrativa, assumindo, muitas vezes, a forma de prédicas, ocorrem com o desenvolvimento da ação, e desempenham, possivelmente, a mesma função: sugerir ao leitor o significado mais profundo dos fatos ou de um certo período histórico. Na verdade, esses discursos representariam uma amostra da homilia ou da reflexão cristã no decorrer de diferentes ambientes ou situações (FABRIS, 1996, p. 20).

A propósito, as sequências narrativas, que são alternadas com os excertos discursivos, revelam, no autor dos Atos, as qualidades de um escritor hábil e atento. Desse modo, constata-se algumas particularidades da técnica de composição dos Atos, como, por exemplo, a *disposição simétrica* ou *paralelismo* dos personagens e dos acontecimentos. As *orações são encontradas em At 1. 24-26 e 4. 23-31*.

Quanto às *cartas ou documentos*, destacam-se a carta enviada pelo Concílio de Jerusalém às congregações (At 15. 22-35), ou ainda a carta de Cláudio Lísias ao procurador Antônio Félix (At 23. 26-30) (FABRIS, 1996, p. 19).

Destacam-se também, na narrativa dos Atos, as *repetições* ou as *duplicatas*. Conforme já foi exposto, a história da conversão e da vocação de Paulo é narrada três vezes: em uma narrativa

indireta (At 9. 1-19 a), e depois, em dois discursos paulinos: o discurso diante dos judeus em Jerusalém (Atos capítulos 22-23) e o discurso diante de Pórcio Festo e do rei Agripa II em Cesareia (At 26. 9-18).

Fabris testifica que a habilidade do escritor, que tende a evitar a monotonia sem renunciar ao seu método de retomada ou repetição, consiste em variar, estilisticamente, as formulações, e em adaptar a repetição às novas situações. O objetivo das repetições é destacar a importância de certos fatos ou a função de um personagem ou de um tema. Destaca-se também a conversão de Cornélio em Cesareia; as visões de Cornélio e de Pedro são narradas mais de uma vez, em situações e com destaques diversos (At 10. 1-43; 11. 1-18). (FABRIS, 1996, p. 20).

Como se infere do estudo da narratologia dos Atos dos Apóstolos, encontra-se um narrador primário (Lucas) e um narratário, igualmente primário, Teófilo. Não obstante, no decorrer de sua narrativa, o narrador insere determinados narradores secundários que conduzem a narrativa e os narratários, igualmente, secundários.

Pode-se classificar o narrador primário dos Atos como um “narrador onisciente” que conta a história de um ponto de vista superior (cf. narrativa de “focalização onisciente”). Possui um domínio total e ilimitado de toda a história, conhecendo, com detalhes, os fatos do presente, do futuro e, principalmente, do passado. Tem acesso às ações e aos pensamentos das personagens que aparecem em sua narrativa (At 2. 37, 43; 3. 1-10; 8. 1; 9. 1-9, 23; 10. 17; 12. 9. 20. 16; 23. 12, 10). O médico também revela o fim da história (At 5. 11; 8. 13, 40; 10. 48; 12. 19, 25; 14. 21).

### Referências Bibliográficas

- ALAND, Kurt et alli. *O Novo Testamento Grego*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA (Edição Revista e Ampliada). Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à Luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2012.
- CARSON, D.A., MOO, Douglas e MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CULLMANN, Oscar. *A Formação do Novo Testamento*. Tradução de Bertoldo Weber. São Leopoldo (RS): Sinodal, 1982.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Lucy Iamkami e Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- EUSEBIUS OF CAESAREA. *The Ecclesiastical History* (Vol 1-2). Ed. of J.E.L. Kirsopp Lake & H.J. Lawlor Oulton. William Heinemann; G.P. Putnam's Press; Harvard University Press. London / New York; Cambridge, Mass. 1926-1932. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0640%3Abook%3D3%3Achapter%3D4%3Asection%3D6>. Acesso em: 02 /02/ 2013.
- FABRIS, Rinaldo. *Para Ler Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento – História, Cultura e Religião do Período Helenístico* (Volume 1). Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.
- KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2004.
- MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- MIRANDA, Antônio Afonso de. *Conversando Sobre a Bíblia*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1985.
- ROWE. C. Kavin. *World Upside Down - Reading Acts in the Graeco Roman Age*. New York: Oxford University Press, 2009.
- VINE, W. E. *Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.